

TRANSFERÊNCIA CULTURAL DA LÍNGUA DE PORTUGAL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO LATIM AO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL NO CONTEXTO ATUAL

Cleber Nogueira Aleluia de Souza (UNEB)
clsnogueira@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem da história da língua portuguesa, analisando as interferências de Portugal sobre o português falado no Brasil. Para tanto, analisamos as raízes da língua e o contexto histórico que deram origem ao português: as línguas pré-românicas, o latim e o tupi, transcorrendo todo um período até alcançar o momento em que Portugal coloniza as terras brasileiras e impõe a sua língua. Pontuamos as especificidades do português falado no Brasil dentro do contexto da atualidade, suas particularidades, e em que nível ele mantém em seu léxico, características do latim. Por fim, pontuamos as interferências sofridas por ele em decorrência de outras línguas e qual a disposição de se tornar mais dinâmico com o intercâmbio sócio-cultural dada a facilidade de comunicação em nível mundial.

Palavras-chave:

Portugal. Língua. Português Brasileiro. Transferência Cultural.

1. *Introdução*

A concepção de uma língua está diretamente ligada ao seu contexto histórico, cultural e social. Assim, a evolução e a mudança de uma língua ocorrem através do tempo, levando em consideração fatores que estão inseridos dentro de normas da gramática tradicional, podendo ser compreendido através de estudos, ou ainda fatores extralinguísticos ou sócio-históricos.

Nesse sentido, de acordo com Assis (2015) é possível estudar a história de uma língua paralelamente compreendendo as relações estabelecidas entre ela e a comunidade que a utiliza, ao longo da história dessa comunidade. Historicamente, a língua pode ser estudada dentro de duas perspectivas: história externa – abrangendo acontecimentos políticos, sociais e culturais, que necessariamente repercutem na língua e a história interna, que descreve a sua evolução fonética, morfológica, sintática e semântica.

No processo de formação, a língua sofre interferências de diversas outras línguas. Uma vez tendo solidez e sendo considerada estabilizada, ainda assim, um determinado idioma está em constante processo de transformações, mesmo que de forma menos acentuado, visto que a língua é um fenômeno mutável. Para chegar a seu estado atual, a língua portuguesa passou por fortes influências de diversos países. Assim, não podemos considerá-la como língua pura, pois, nela encontramos características de outros idiomas.

Neste trabalho, temos o intuito de instituir as raízes que deram origem a língua portuguesa, caracterizando as suas principais influências, considerando a origem da língua. Para tanto, levaremos em considerações os contextos sócio-históricos e culturais na sua trajetória até o ponto que ela foi trazida para o Brasil pelos portugueses com toda sua tradição e costume, e, assim, implantada como língua mãe.

Este estudo tem ainda por objetivo ressaltar a língua atual falada no Brasil, a partir das interferências sofridas, fazendo uma abordagem de sua característica peculiar, que muitas vezes pouco se parece com o português falado em Portugal. Apontaremos as principais mudanças ocorridas: fatores ligados aos empréstimos linguísticos; estrangeirismos e outras características que fazem do português falado no Brasil, uma língua extremamente viva.

2. Contexto histórico da língua portuguesa

Pertencente à família das línguas românicas e derivada do latim vulgar que foi introduzido no oeste da Península Ibérica há cerca de dois mil anos, o português teve origem no norte de Portugal. Resultando da língua dos povos ibéricos, o português tem sua essência céltica lusitana. Durante o período de 409 a 711 d.C., alguns povos de origem germânica instalam-se na Península Ibérica. O efeito das migrações na língua falada das populações não é uniforme, gerando um processo de diferenciação regional. No período que vai do século IX, com o surgimento dos primeiros documentos latino-portugueses ao século XI, considerado uma época de transição, alguns termos portugueses aparecem nos textos em latim, mas o

português, ou galego-português, é essencialmente apenas falado na Lusitânia.

Por muito tempo, a Península Ibérica não era habitada por romanos e sim por iberos. Por volta do século V a.C., a Península Ibérica foi invadida pelos Celtas, que por sua vez, estabeleceram uma relação tal que se miscigenaram, dando origem a uma nova etnia chamada celtíbera. Depois disso, surgiram os fenícios que comercializavam com os iberos, os gregos e os cartagineses. Nesse período, os celtíberos recorrem aos romanos, a fim de obter apoio contra os cartagineses. No século III a.C., os romanos invadiram a Península Ibérica e expulsaram os cartagineses. No século II a.C., os romanos tomaram a península, tornando-se uma península militar e cultural, além de linguística.

A língua falada na Península Ibérica não era mais o latim, mas uma versão popular chamada latim-vulgar. O latim vulgar terá uma grande importância, pois é ele que irá originar mais diretamente a língua portuguesa no território português. No início do século V a Península Ibérica foi invadida pelos povos germânicos e o império romano começa a se desmoronar, porém ainda havia traços da cultura romana na região. O latim vulgar, falado na Lusitânia no século V d.C., quando entrou na península foi miscigenado pela língua existente naquela região, a língua dos ibéricos e a língua dos germanos. Dessa miscelânea linguística, deu-se origem a várias línguas românicas, dentre elas temos: o catalão, o castelhano que se tornou a língua da Espanha, e a língua portuguesa.

Mapa das línguas pré-romanas da Península Ibérica



Fonte: Davius – URL: http://www.oocities.com/linguaeimperii/Hispanic/hispanic_es.html.
Domínio público: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=685900>

Até 1143, Portugal partilhou muito de sua história com a Espanha, porém, num período relativamente curto, surgiram na Península Ibérica três línguas literárias independentes, contudo com muitas semelhanças entre si. São elas: o português, o catalão e o espanhol.

Por muito tempo, acreditou-se que os mais antigos textos em galego-português eram datados do final do século XII. Entretanto, através de recentes estudos, ficou comprovado que a data mostrava-se equivocada, tendo sido, portanto, no início do século XIII que esses textos surgiram.

Teysier, 1994, destaca que os primeiros textos escritos em português surgem no século XIII. Naquela época, segundo autor, “o português não se distingue do galego, falado na província (hoje espanhola) da Galícia. Essa língua comum – o galego-português ou galaico-português – é a forma que toma o latim no ângulo noroeste da Península Ibérica”, (TEYSSIER, 1994, p. 06).

A respeito desses primeiros textos, Teysier, 1994, esclarece que:

Acreditou-se muito tempo que dois documentos provenientes do Mosteiro de Vairão – o Auto de Partilhas e o Testamento de Elvira Sanchez, datados respectivamente de 1192 e 1193 – constituíssem os mais antigos textos escritos em galego-português [...]. A questão foi recentemente reexaminada pelo Pe. Avelino de Jesus da Costa no artigo “Os mais antigos documentos escritos em português; revisão de um problema histórico linguístico”, in Revista de Historia, XVII, 1979, pp. 263-340. Segundo o autor, o texto primitivo destes dois documentos, redigidos respectivamente em 1192 e 1193, era em latim e as versões galego-portuguesas que nos chegaram são traduções efetuadas uma centena de anos mais tarde, no fim do século XIII. Eliminados, assim, estes dois documentos, os mais antigos textos escritos em galego-português passam a ser, dentro do estado atual dos nossos conhecimentos, a Notícia de Torto (1214-1216), proveniente do mesmo Mosteiro de Vairão, e o Testamento de D. Afonso II, datado com segurança de 1214. (TEYSSIER, 1994, p. 81-82)

Mostraremos a seguir, o documento citado, e a sua respectiva versão para o português atual.

O Testamento do D. Afonso II – português arcaico (trecho, datado de 1214):

“En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal. sendo sano e saluo. temete o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia moliterraina dona Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu reino fiz mia mãda per que de pos mia morte. miamolier e meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder. stenen paz e enfolgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entregamente e en paz. e ssi este for morto sem semmel: o maior filio que ouuer da raina dona Orraca: agia o reino entregamente e en paz. e ssi filio barõ nõ ouuermos: a maior filia que ouuermos: agia o. e ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deiuer a reinar nõ ouuerreuora: segiaen poder rarainasa madre e meu reino segiaen poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. e ssi eu for morto: rogo ao apostooligo, come padre e senior e beigio a terra ante seus pẽes que el receba em sacomẽda. e so seu difindemẽto a raina e meus filios. e o reino. e ssi eu e a raina formos mortos: rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segiã em as comẽda.” (Disponível em: <http://faseshistoricasdalp.worldpress.com/category/ellen/portugues-arcaico/>)

O Testamento do D. Afonso II – português moderno (trecho, datado de 1214):

“Em nome de Deus. Eu, rei D. Afonso, pela graça de Deus, rei de Portugal estando são e salvo, temendo o dia da minha morte, para a salvação da minha alma e para proveito de minha mulher D. Orraca e de meus filhos e de meus vassalos e de todo o meu reino, fiz meu testamento para que depois de minha morte, minha mulher e meus filhos e meu reino e meus vassalos e todas aquelas coisas que Deus me deu para governar estejam em paz e em tranquilidade. Primeiramente mando que o um filho, infante D. Sancho, que tenho da Rainha D. Orraca assumo o meu reino inteiramente e em paz. E se este morrer sem deixar descendentes, o filho mais velho que houver da rainha D. Orraca tenha o meu reino inteiramente e em paz. E se não tivermos filho homem, a filha mais velha que tivermos, assumo o reino. E se no tempo da minha morte, meu filho ou minha filha que deve reinar não tiver idade, esteja o reino em poder da rainha, sua mãe. E meu reino siga em poder da rainha e de meus vassalos até quando cheguem à idade. E se eu morrer, rogo ao Papa, como padre e senhor e beijo a terra ante seus pés para que ele receba sob sua guarda e sob sua proteção a rainha e meus filhos e meu reino. E se eu e a rainha morreremos, rogo e peço que meus filhos e o reino sigam sob sua proteção.” Ano de 1214. (Disponível em: <http://www.livros-digitais.com/artigos/2013/testamento-de-afonso-II/>)

O texto original apresenta a sua escrita com uma característica bem diferente da versão atualizada, mostrada posteriormente. Do português arcaico é possível entender muito pouco. Isso mostra que foi percorrido um processo de evolução muito grande e contínua, onde houve acréscimo e perdas no léxico da língua, para que então pudéssemos chegar ao português que falamos hoje.

3. *Processo de transformação da língua: do latim ao português*

A língua portuguesa é uma extensão do latim, que por sua vez dura como língua universal, cultural, científica e filosófica até o século XVI. A partir desse período, a língua começa a cair e outras línguas passam então a firma-se, a exemplo do inglês com Shakespeare, o português com Camões, o espanhol com Cervantes. A partir de então, o latim começa a perder, pouco a pouco a sua universalidade, no entanto segue com grande importância nas áreas médica, jurídica e principalmente filosófica até o século XX.

O latim, inicialmente utilizado em Roma, como ferramenta voltada para área literária, criando dois canais de comunicação, nas vertentes: clássica e o vulgar. Não se tratava de línguas distintas, mas eram variantes utilizadas com propósitos diferentes.

Costa e Fernandes, 2014, sintetizam essa diferença da seguinte forma:

Contemporaneamente, podemos dizer que o Clássico era a variante de prestígio, usada pela elite, estudiosos e escritores importantes e que o Vulgar era a variante popular usado pela grande massa que não possuía escolarização e bens. As duas modalidades do Latim eram denominadas pelos romanos respectivamente como: *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*. (COSTA; FERNANDES, 2014, p. 03)

Sobre essa diferença e características de cada variante do Latim, Coutinho, 1976, faz seguinte afirmação:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. Era uma língua artificial, rígida, morta. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente. (COUTINHO, 1976, p. 29-30)

Embora considerada uma língua morta por não ser falada por nenhum povo, essa morte pode ser considerada relativa, uma vez

que está presente em muitas línguas, bem como no vocabulário habitual do português. Para os biólogos, por exemplo, o latim é um código linguístico universal, pois é fazendo seu uso que eles se comunicam ao redor do mundo, através do nome científico dos animais. Diversas outras áreas de estudo se deparam com o latim. Além dos exemplos já citados anteriormente, o latim também pode ser facilmente encontrado na Sociologia, na Literatura, na Arquitetura, na Religião, dentre outros segmentos.

Diversos fatores fizeram com que ocorresse uma mudança de forma gradual até que pudéssemos chegar às características que marcam a língua portuguesa. Substratos linguísticos, fatores históricos, sociais, políticos e culturais podem ser considerados condições que influenciaram nessa mudança.

Coutinho (1984) destaca mudanças sofridas na transição do latim para o português. Dentre essas mudanças, podemos destacar as mudanças morfológicas, quando tratamos da estrutura da palavra; transformações sintáticas, estabelecendo relações entre as palavras nas orações e as orações nos períodos; alterações semânticas que diz respeito à utilização das palavras e a funcionalidade que é dada aos termos e como isso evolui com o tempo; transformações lexicais, analisando a composição do léxico e sua história, levando em consideração empréstimos linguísticos de outros idiomas.

Apresentaremos a seguir um quadro com a evolução do latim clássico e a sua respectiva grafia no português atual.

Latim Clássico	Correspondente
Ficum	Figo
Sitim	Sede
Rete	Rede
Terra	Terra
Latus	Lado
Amatum	Amado
Porta	Porta
Amorem	Amor
Bucca	Boca
Purum	Puro

Fonte: Teyssier, 1994.

Segundo Teyssier (1994), Jerónimo Cardoso, redigiu os primeiros dicionários em Latim-Português e Português-Latim, em

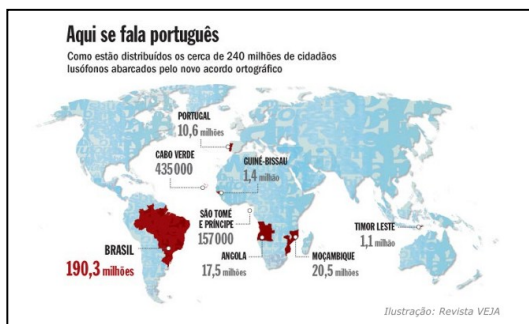
1551, 1562, 1563, 1569-1570, sendo ele, o primeiro lexográfico. Outros dicionários surgem mais tarde como o de Agostinho Barbosa em 1611, Bento Pereira em 1634 e 1647, dentre outros nomes como D. Rafael Bluteau de 1712 a 1727, até que por fim, surge o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes Silva em 1789, tendo sido reeditado e aumentado diversas vezes. Foi republicada a sua 10ª edição, em 12 volumes entre 1949 a 1959, podendo ser considerado o antepassado de todos os dicionários modernos da língua.

4. *O caminho percorrido do português de Portugal ao português brasileiro*

A língua portuguesa é a quinta mais falada no mundo e a terceira do mundo ocidental, superada pelo inglês e pelo castelhano. Atualmente, aproximadamente 250 milhões de pessoas no mundo falam português e, dada as suas dimensões, o Brasil é responsável por cerca de 80% desse total.

O português é instituído como língua oficial em Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe. Diante da grandiosidade da língua, em países do MERCOSUL é obrigatório o ensino do português como disciplina escolar. Existem ainda lugares que utilizam a língua de forma não oficial, assim o idioma é falado por uma restrita parcela da população, são eles: Macau e Goa (um estado da Índia).

Mapa de países que têm o português como língua oficial:



Fonte: <https://ciberdividas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/uma-academia-das-academias-lusofonas-para-a-lingua-portuguesa/3084>.

Sobre a magnitude territorial do Brasil, conseqüentemente o número de falantes de língua portuguesa, Teyssier, 1994, faz a seguinte declaração:

Com o seu enorme território (mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados) e a sua população de 120 milhões de habitantes, o Brasil não está em proporção com Portugal (92.000 km² e 9 milhões de habitantes). A língua desse imenso país é, no entanto o português. Essa massa de lusófonos brasileiros contribui de uma forma decisiva, na altura do século XX em que vivemos, para fazer do português uma língua de importância internacional. (TEYSSIER, 1994, p. 62).

Embora esse percentual esteja defasado, visto que se trata de dados de mais de duas décadas, ainda assim, é um número extraordinariamente superior aos demais países falantes do português.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, o censo demográfico do Brasil, tendo como data de referência 1º de julho de 2016, a população brasileira está estimada em 206.081.432 habitantes.

5. *A língua portuguesa instituída língua oficial*

Na época em que o D. Afonso III era rei, Portugal se torna um país cada vez mais consolidado, sendo Lisboa e Coimbra os principais centros culturais e políticos daquele país. O isolamento entre Galícia e Portugal ocorreu devido à fronteira entre os Reinos de Leão e Castela, propiciando de forma mais intensa a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota dos castelhanos em 1385. Com essa separação, Portugal se torna independente, fixando o português como língua e fortificando a unidade nacional. (COSTA; FER-NANDES, 2014).

É em 1290 que D. Denis estabelece o português como língua oficial daquela nação.

Levou tempo para que se tomasse consciência do Português como uma nova língua. Tiveram importância nesse ofício duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais. Escrevi-

am ali fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária. (CASTILHO, 2009, p. 34)

A igreja, através de religiosos e a Corte tiveram papel fundamental como propagadores da cultura na institucionalização da língua portuguesa.

No início do século XVI, precisamente em 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chega às costas brasileiras, tomando posse em nome do rei D. Manuel de Portugal. “A colonização portuguesa, porém, só começa em 1532, com a atribuição de quinze capitanias hereditárias”. (TEYSSIER, 1994, p. 62).

Ainda no início do século XVI, por volta de 1532, quando os portugueses se instalam no Brasil, o país já era habitado por índios. Foram trazidos posteriormente, da África um grande número de escravos. Assim, a base da população brasileira é constituída majoritariamente por portugueses, índios e negros, “mas no que se refere à cultura, a contribuição do português foi de longe a mais importante”. (TEYSSIER, 1994, p. 62).

No período de que estamos tratando a situação linguística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum. (TEYSSIER, 1994, p. 62).

Muitos povos indígenas conservaram os seus idiomas particulares, mantendo a sua tradição linguística, caracterizadas como línguas herméticas ou travadas.

A língua tupi era utilizada com o intuito de promover a comunicação desde os índios de diferentes tribos até entre os índios e os portugueses. A língua portuguesa, entretanto era utilizada pelos portugueses com determinados fins de produções documentais. Durante muito tempo, o tupi e a língua portuguesa estiveram pareadas como língua de comunicação.

Segundo Silva Neto (1963 *apud* Teyssier, 1994), nas palavras do Pe. Antônio Vieira,

As famílias dos portugueses em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticam e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola. (SILVA NETO, 1963).

O primeiro dicionário conhecido da língua Tupi foi escrito pelo padre José de Anchieta e publicado em 1595, com o nome de “Arte de Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil”.



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or812098/or812098.html#page/41/mode/1up.

A língua logo cai em decadência por volta da segunda metade do século XVIII, decorrente a chegada de numerosos imigrantes portugueses que eram seduzidos pela descoberta de minas de outro e diamante.

Em 1757, foi criado pelo Marquês de Pombal o Diretório com decisões que se restringiam apenas ao Pará e Maranhão. É estendido para todo território brasileiro em 1758, no qual se pretendia proibir o uso das línguas gerais na colônia, sendo obrigatório o uso oficialmente da língua portuguesa. Em 1759 os jesuítas, principais protetores da língua geral são expulsos da colônia. Pouco tempo mais tarde, os portugueses eliminariam definitivamente essa última língua, restando dela apenas um determinado número de palavras no português local. É também no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam o português falado no Brasil. D. Jerônimo Contador de Argote fala dos dialetos ultramarinos “como Índia, Brasil, etc.”, que, segundo ele, se particularizam pelo uso de um certo vocabulário exótico ou arcaico. (TEYSSIER, 1994, p. 63)

Em 1816, D. João VI se torna rei, após as invasões francesas e refugia-se no Brasil. Estabelece o Rio de Janeiro como capital da monarquia de Bragança, empurra o Brasil mundo a fora e toma iniciativas que irão acelerar o progresso material e cultural brasileiros. “Em 1827, realizaram-se várias discussões em torno do ensino da língua, sugerindo que os professores ensinassem a ler e escrever usando a gramática da língua nacional” (COSTA; FERNANDES, 2014, p. 46).

Dos princípios da colonização até 1808, e daí por diante com intensidade cada vez maior, se notava a dualidade linguística entre a nata social, viveiro de brancos e mestiços que ascenderam, e a plebe, descendente dos índios, negros e mestiços da colônia. (SILVA NETO, 1963, p. 88-9)

Nessa época, havia um intenso esforço para que apenas a Língua Portuguesa fosse imposta como língua oficial do Brasil. A língua dentro da nação era adquirida de acordo com as características de cada região. Por este motivo notavam-se variações linguísticas em suas diferentes classes sociais.

6. O português contemporâneo no Brasil

Devido às interferências e o processo de transferência cultural que o português passou em todo o seu processo evolutivo, temos hoje no Brasil uma língua que preserva as raízes portuguesas. Porém, entende-se que devido a fatores geográficos, culturais, sociais e tantos outros, o português brasileiro se estabeleceu no país com suas características e especificidades.

A realidade, porém, e as divisões “dialetais” no Brasil são menos gráfica que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical. (TEYSSIER, 1994, p. 65)

Podemos entender, assim, que existem diversos níveis do português falado no Brasil. No topo da pirâmide está a língua falada por pessoas cultas, seguido da língua mais vulgar, praticada pela

camada urbana gradativamente menos instruída, e por fim, os falares regionais e rurais.

Os estudos científicos a respeito desses diversos níveis de língua são ainda insuficientes. Além disso, as mutações rápidas ligadas à urbanização e a industrialização tornam a realidade atual particularmente instável. Mas é sem dúvida nas grandes cidades que se elabora hoje, nas camadas socioculturais superiores, uma norma brasileira. (TEYSSIER, 1994, p. 65)

Segundo Teyssier (1994), a questão da língua não é, no Brasil, apenas uma controvérsia de gramáticos: é um problema nacional da mais alta importância. Após a Independência, muitos brasileiros pensavam ser impossível haver uma nação original, com sua cultura e com literatura própria, sem língua original.

O português brasileiro está constantemente passando por um processo de evolução e agregando características advindas de outros idiomas. Na dinâmica atual de globalização em que vivemos e na velocidade com a qual as informações se processam, é comum e, inclusive normal, experimentarmos o processo denominado estrangeirismo. Entende-se por estrangeirismo o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma tomadas por empréstimos de outra língua.

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que originou o empréstimo (GARCEZ; ZILLES, 2004, p. 15).

Contudo é muito pouco provável que esse fenômeno que permeia todas as línguas, seja suficiente para descaracterizar uma língua já consolidada, como é o caso do português falado no Brasil. Entretanto, como toda língua é dinâmica e mutável, em uma ou outra medida, sempre haverá fatores que naturalmente modificarão, trazendo novas características para um determinado idioma.

7. *Considerações finais*

Com o advento dos linguistas e conseqüentemente, o estudo da linguística histórica, é possível resgatar a história de um determinado povo através de sua língua em suas diferentes vertentes. A partir desses estudos, podemos então compreender o processo de formação de novos povos, a relação de domínio e submissão de nações sobre outras e como a língua pode se constituir um artifício facilitador ou agravador no processo de transação e comunicação entre os povos.

Para chegar ao ponto em que se encontra atualmente, a língua portuguesa falada no Brasil passou por um longo processo de mutação, tendo as suas raízes no Latim, que por sua vez, já apresentava certa dualidade, sendo dividido em Latim Clássico e Vulgar. Nesse processo foi o Latim Vulgar que permaneceu “vivo” para então, poder dar origem ao português.

A língua portuguesa ao chegar ao Brasil, trazida pelos portugueses, ainda sofre influências de tantas outras línguas e dialetos que eram praticados aqui. Esse processo de transformação da língua foi naturalmente acontecendo com a miscigenação de outros dialetos, bem como as a inserção de contextos linguísticos diferentes. Isso fez que com os primeiros falantes, adquirissem a língua a partir de condições distintas da língua.

É importante, entretanto salientar que essa dinâmica de transição das línguas se deu num período bastante longo. Algumas línguas tidas como mortas, como é o caso do Latim, são praticadas apenas em termos específicos de determinadas áreas de estudo, não havendo mais condições de serem usadas para promover comunicação em níveis de quaisquer que sejam as relações estabelecidas.

O português no Brasil continua sofrendo pequenas alterações internas, partindo da sua própria norma culta e também sendo influenciada externamente, quando se apropria de termos que originalmente pertencem a outras línguas. Tais mudanças irão continuar ocorrendo, visto que a língua não é estática. Os falantes estão cada vez mais preparados e receptivos a essas modificações dado o avanço da tecnologia e ao intenso nível da comunicação global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Maria C. *História da língua portuguesa*. 2015.
- CASTILHO, A. Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa? In: *Museu da Língua Portuguesa*. 2009. p. 06, 19, 22, 34. Disponível em: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- COSTA, Natalina S. A.; FERNANDES, Patrícia D. A origem da língua portuguesa: contexto geral e brasileiro. In: *Web-Revista SOCIODIALETO*. V. 5. n. 14. Novembro, 2014.
- COUTINHO, I. L. *Pontos da gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. p. 29-30
- CRISTÓVÃO, Fernando. Uma Academia das Academias lusófonas para a língua portuguesa, 2014. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/uma-academia-das-academias-lusofonas-para-a-lingua-portuguesa/3084>>. Acesso em: 04. dez. 18.
- FREITAS, Eduardo. Países que falam português. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/paises-que-falam-portugues.htm>>. Acesso em: 04. dez. 18.
- Fases Históricas da Língua Portuguesa: O português arcaico: apresentação geral. Testamento de D. Afonso II. Disponível em: [<http://faseshistoricasdalp.wordpress.com/category/ellen/portugues-arcaico/>], 2013. Acesso em: 04 dez. 18.
- GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desajustes e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-30
- Livros Digitais. O Testamento de D. Afonso II. Disponível em: <<http://www.livros-digitais.com/artigos/2013/testamento-de-afonso-II/>>, 2013. Acesso em: 04 dez. 18.
- Mapa das línguas pré-romanas da Península Ibérica. Disponível em: <http://www.oocities.com/linguaeimperii/Hispanic/hispanic_es.html. Domínio público: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=685900>>. Acesso em: 04 dez. 18.

O dicionário do Padre José de Anchieta, 2015. Disponível em: <<http://www.dicionariotupiguarani.com.br/o-dicionario-do-padre-jose-de-anchieta/>>. Acesso em: 04 dez. 18.

PEREZ, Luana C. A. Tudo que você precisa saber sobre: estrangeirismo. Disponível em: <<http://portugues.uol.com.br/gramatica/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-estrangeirismo.html>>. Acesso em: 04 dez. 18.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. MEC/INL, Rio de Janeiro, 1963, p. 55.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes. 1997.